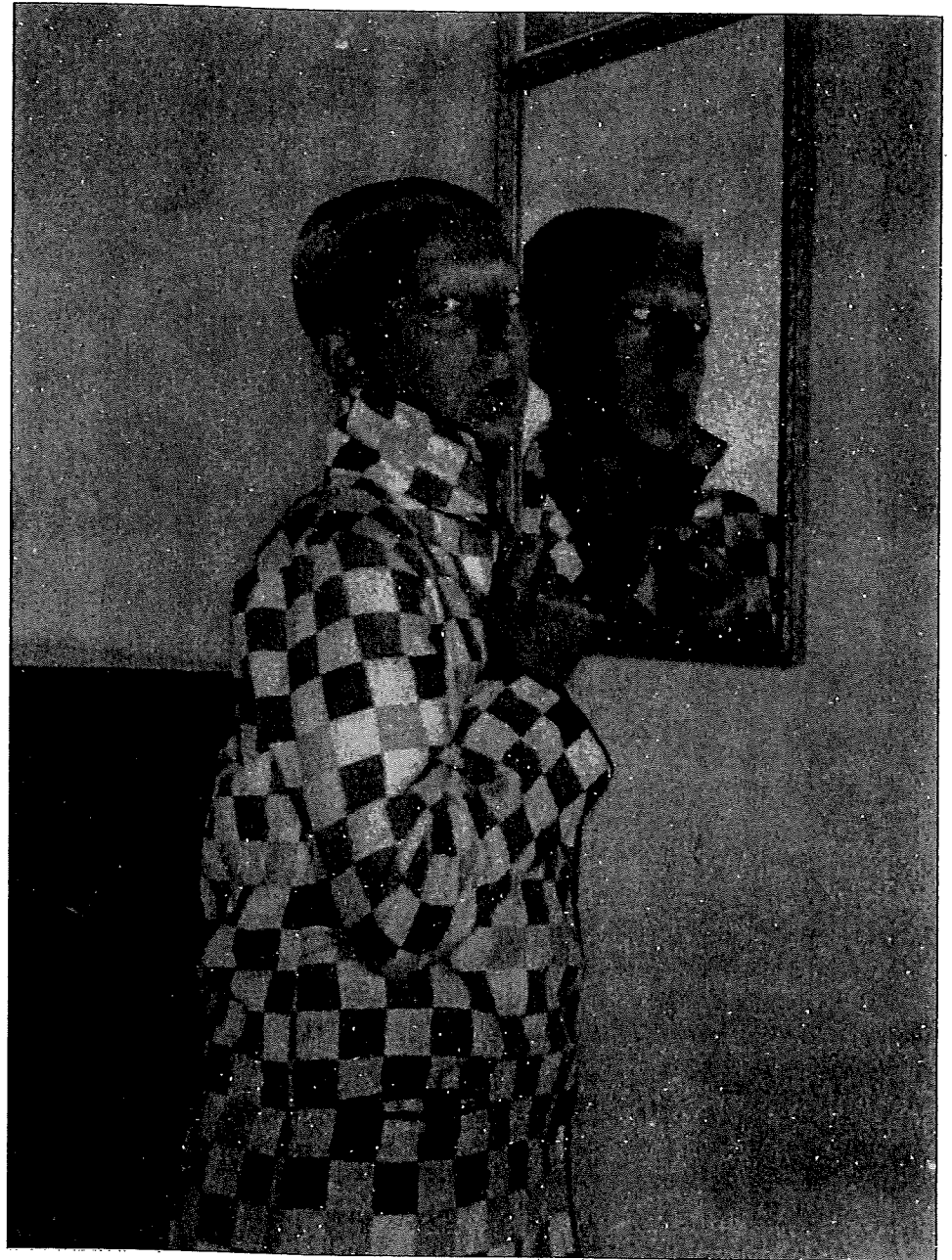


:Estúdio Auto-retrato e
auto-representação



Império

LUÍS JORGE GONÇALVES
Portugal, Faculdade de Belas-Artes, Universidade
de Lisboa; Conselho Editorial

Com o início da agricultura, por volta de 8000 a.C., na Mesopotâmia e posterior desenvolvimento no Egito, tudo se acelerou: a dependência da natureza para obter boas colheitas, a necessidade de garantia da propriedade e da gestão de conflitos, a segurança de pessoas e do acumulado, levou à emergência, no seio destas comunidades, de figuras preeminentes...

Intercediam junto do divino para as boas colheitas, garantiam que cada qual soubesse qual era o seu lote de terra, impunham a justiça, comandavam homens armados para defender a sua comunidade...

Em cada aldeia surgiu esta figura, líder religioso, político, judicial e militar... Iniciou-se também um processo em que as aldeias se conquistavam umas às outras e no final do IV milénio a.C., algumas aldeias dominavam vastos territórios, passaram a cidades e temos a emergência dos Estados. Suméria e Egito foram os primeiros.

A arte deixou de ser anónima. No Egito a 'Paleta de Narmer,' datada de 3100 a.C. foi a primeira manifestação da imagem do poder, com um nome (Figura 1).

O nome é do faraó Narmer, unificador do Alto e do Baixo Egito. Nesta obra, para além das questões formais estão já reunidos todos os elementos do discurso artístico do poder, alguns dos quais permanecem até aos nossos dias. O Narmer de dimensão superior, descalço, o que refere a sua ascensão divina, com as diferentes coroas (correspondendo ao domínio sobre territórios), idealizado, matando ou exibindo os inimigos como troféus.

O poder criou uma imagem de si, sendo

as artes plásticas o principal veículo. As imagens criadas podem ser tipificadas: em batalha, matando os inimigos, após a vitória, humilhando os vencidos ou aplicando a clemência, como líder jovem ou maduro, sentado num trono, de pé ou a cavalo, montado ou na quadriga, líder civil, judicial, militar ou religioso, nalguns casos como deus, com olhos penetrantes transmitindo serenidade e autoridade, com a família, difundindo o valor do chefe de cada família do seu domínio, dando ainda uma família modelo para a sociedade que governa.

A imagem do líder era o seu retrato idealizado, pintado, esculpido, fotografado (no último século e meio) e, em tempos mais recentes, em imagens em movimento, mas também a sua obra que marca a paisagem urbana e natural, o túmulo, o templo, a cidade, a praça, o palácio, as estradas, o museu, o jardim, a escola ou universidade, o hospital, um sem fim de equipamentos que os tempos têm vindo a alargar.

Estas são as obras para o presente, mas também para a posteridade. O processo de medir se é bom ao mau líder depende dos tempos e da tipologia de regime. A conquista de território, a garantia de segurança do seu povo, o agradar ao divino, a necessidade de unificar vastos territórios, a formação das elites e, mais recentemente da generalidade da população, a preocupação com a saúde, o combate à pobreza, são temas que têm vindo a ser desvalorizados ou valorizados e a que os líderes também associam as suas imagens.

Imagens, espaços urbanos e arquiteturas imponentes e simétricos, realizadas para a posteridade, são modelos que se aplicam aos líderes de qualquer época, transmitindo uma omnipresença total sobre os súbditos e ou cidadãos. No Ocidente a imposição do poder unipessoal, em três momentos, época de Augusto, época de Napoleão e ditaduras da primeira metade do século XX, surgem associadas, no urbanismo e na arquitetura, a um modelo clássico grego, dada a simetria que aí encontramos e que transmitem valores de ordem.

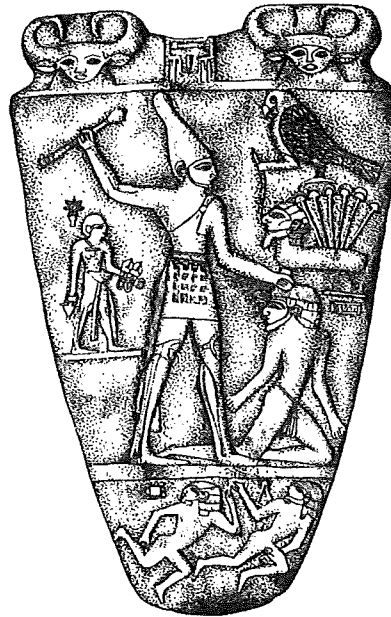


Figura 1. Paleta de Narmer, c. de 3100 a.C.

Mas o líder, mesmo na democracia, em alguns casos, não deixa de agir como Narmer, há 5100 anos, quando se exibiu num triunfo e mostrou submissos ou mortos os inimigos. Em 1 de Setembro de 2003 o presidente George W. Bush, no porta-aviões USS Abraham Lincoln, ao largo da costa da Califórnia, ao pôr-do-sol, declarou vitória na Guerra do Golfo, para os militares aí presentes e para o mundo, pelas câmaras de televisão. Em Dezembro desse ano anunciou-se a captura do líder inimigo e exhibe-se de forma humilhante, a ser inspeccionado aos dentes.

Entre a paleta de Narmer e as imagens televisivas, o que mudou foi o suporte tecnológico, os signos do discurso ideológico parece não se ter alterado. Afinal o cérebro humano continua a ser o do *homo sapiens* e é para esse que os criadores de imagens trabalham ao se exhibir imagens que transmitam valores para cada época.